



CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

EDILANDIA SOARES RIBEIRO

**DESVENDANDO OS SEGREDOS DO OUTRO LADO: UM OLHAR
SOBRE A LITERATURA INFANTOJUVENIL E O IMPLEMENTO DA
LEI 10.639/03**

GUARABIRA
2016

EDILANDIA SOARES RIBEIRO

**DESVENDANDO OS SEGREDOS DO OUTRO LADO: UM OLHAR
SOBRE A LITERATURA INFANTOJUVENIL E O IMPLEMENTO DA
LEI 10.639/03**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba Campus III- Guarabira (PB), para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras, sob orientação da Prof. Dr.^a Sueli Meira Liebig.

GUARABIRA
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R175d Ribeiro, Edilândia Soares
Desvendando os segredos do outro lado [manuscrito] : um olhar sobre a literatura infanto-juvenil e o implemento da lei 10.639/03 / Edilândia Soares Ribeiro. - 2016.
35 p.

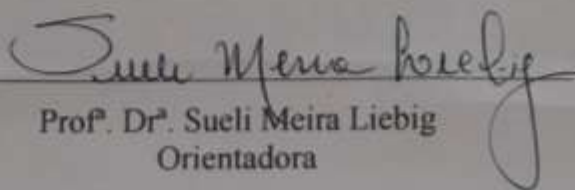
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Sueli Meira Liebig, Departamento de Letras".

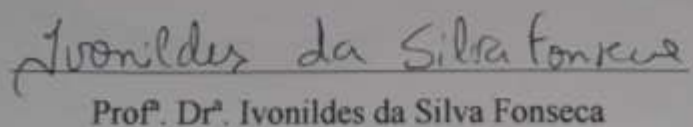
1. Lei 10.639/03. 2. Relações étnico-raciais. 3. Literatura infanto-juvenil. 4. Ana Maria Machado. I. Título.
21. ed. CDD 028.5

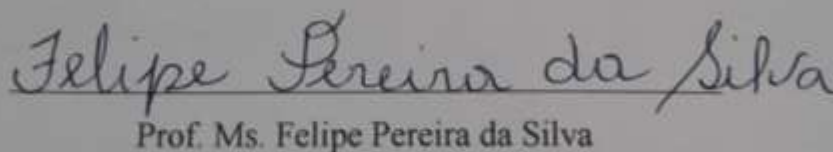
**DESVENDANDO OS SEGREDOS DO OUTRO LADO: UM OLHAR SOBRE A
LITERATURA INFANTOJUVENIL E O IMPLEMENTO DA LEI 10.639/03**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba Campus III- Guarabira (PB), para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras, sob orientação da Prof. Dr.^a Sueli Meira Liebig.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Sueli Meira Liebig
Orientadora


Prof.^a Dr.^a Ivonildes da Silva Fonseca


Prof. Ms. Felipe Pereira da Silva

Aprovada em 24/05/2016

GUARABIRA/PB
2016

A Deus, que na sua infinita bondade sempre guiou meus passos, me dando paciência e alento mesmo nos momentos de maior dificuldade. Ele sempre esteve ao meu lado dando forças para continuar, mesmo quando não tinha mais estímulo ou forças. Aos meus familiares, que sempre me deram apoio, inclusive, aqueles que já não estão mais entre nós, para desfrutar comigo de mais esta vitória (meus pais, Lindalva e Cícero, sei que, mesmo imaterialmente, estão comigo).

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos primeiramente a DEUS pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos que se colocaram em meu caminho até aqui.

A minha família, que com toda simplicidade me ajudaram a concluir esse curso, em especial aos meus filhos, Jully Emily e Kayo Felipe, que sempre estiveram dispostos a me ajudar no que fosse necessário.

Aos meus pais, que enquanto estiveram entre nós sonharam junto comigo esse momento de conquista.

A minha orientadora Prof. Dr.^a Sueli Meira Liebig, que colaborou com as diversas discussões no âmbito da minha pesquisa, pelo comprometimento, respeito e carinho que sempre teve nas orientações.

Aos professores da banca examinadora, Prof. Dr.^a Ivonildes da Silva Fonseca e em especial ao Prof. Ms. Felipe Pereira da Silva, pela contribuição que deram e por todas as indicações para a melhoria deste trabalho.

Aos meus irmãos, pelo carinho e companheirismo de sempre.

A amiga Joseane Silva Bezerra, por não me deixar desistir, incentivando-me com seu apoio.

Ao Diretor da E.E.E.F.M. Odilon Nelson Dantas, Jairo Galdino da Silva e aos meus colegas professores, por todas as experiências compartilhadas. Fizeram um grande diferencial em minha vida.

Aos meus alunos, por estarem empenhados em um só propósito comigo, tentando solucionar questionamentos e promover discussões.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização deste trabalho.

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.

(CORA CORALINA)

RESUMO

É indiscutível que ao longo da história do Brasil, foi estabelecido neste país um modelo de educação excludente, visando impedir o acesso à escola de milhões de brasileiros desrespeitados devido à sua condição étnico-racial e cultural. Este trabalho busca investigar as possibilidades de implemento da Lei 10.639/03 através do trabalho com a literatura infanto-juvenil na sala de aula, especificamente com a obra *Do outro lado tem segredos*, de Ana Maria Machado, bem como a forma como esta pode contribuir para a valorização da nossa diversidade étnico-racial e cultural na escola. Para tanto, temos como objetivo geral analisar a forma como a imagem e a cultura negra têm sido representadas na referida obra e a influência que a leitura da mesma exerce na formação da personalidade de adolescentes e jovens que a ela têm acesso e como objetivos específicos, identificar nas tendências atuais da literatura infanto-juvenil pontos que buscam romper com os estereótipos e preconceitos raciais; analisar a forma de representação das personagens negras na escrita de Ana Maria Machado e por fim averiguar até que ponto o contato com textos desse gênero podem contribuir com a formação de uma consciência crítica livre de preconceitos e discriminações raciais. Esta pesquisa de base qualitativa e bibliográfica se fundamenta nos estudos desenvolvidos por ROSEMBERG (1979 e 1985), CASTILHO (2004b), GOUVÊA (2005), JOVINO (2006), OLIVEIRA (2003), dentre outros. Quanto a autores que discorrem acerca do trabalho com a literatura infantojuvenil na escola baseamo-nos em ZILBERMAN (2003) e PALO e OLIVEIRA (2006).

Palavras-chave: Lei 10.639/03. Relações étnico-raciais. Literatura infanto-juvenil. Ana Maria Machado.

ABSTRACT

It is incontestable that throughout the history of Brazil, it was established in this country a model of excluding education, aiming at avoiding access to school of millions of Brazilians disrespected due to their ethno-racial and cultural condition. This work investigates the implement possibilities of Law 11,645 / 08 by working with the children's literature in the classroom; specifically with the work *Do outro lado tem segredos*, Ana Maria Machado, as well as how it can contribute for the appreciation of our ethnic, racial and cultural diversity at school. Therefore, we have as objective general to analyze how the image and the black culture has been represented in such work and the influence that the reading of the same exercises in the formation of adolescents and young personality that have access to it and specific objectives, identify the current trends in children's literature points that seek to break the stereotypes and racial prejudice; analyze the form of representation of black characters in the writing of Ana Maria Machado and finally determine to what extent the contact with texts of this genre can contribute to the formation of a free critical awareness of prejudice and racial discrimination. This qualitative and bibliographic database of research is based on studies by ROSEMBERG (1979 and 1985), CASTILHO (2004), GOUVÊA (2005), JOVINO (2006), OLIVEIRA (2003), among others. As for the authors who talk about the work with children and youth literature in school we based ourselves on ZILBERMAN (2003) and PALO and Oliveira (2006).

Keywords: Law 10,639 / 03. Racial-ethnic relations. Youth's literature. Ana Maria Machado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. REPRESENTAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA: percurso histórico e político	14
1.1 O negro na literatura infantojuvenil brasileira: percurso histórico	15
2. OS SEGREDOS DO OUTRO LADO DO OCEANO	22
3. ANA MARIA MACHADO: Os segredos do outro lado e a cultura africana e afro-brasileira na sala de aula	25
3.1 Cultura africana e afro-brasileira na escrita de Ana Maria Machado: o trabalho em sala de aula	25
3.1.1 Contextualização da escola e sujeitos da pesquisa	25
3.2 descrição das atividades	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERENCIAS	33
APÊNDICES	35

INTRODUÇÃO

A literatura, seja ela destinada ao público adulto, infantil ou juvenil, constitui-se em uma importante ferramenta de disseminação e manutenção de ideologias. A literatura infantojuvenil, por se destinar quase que exclusivamente às crianças, cuja personalidade e identidade estão em processo de formação, exerce sobre estas forte influência. Com o avanço nas tecnologias e as evoluções científicas em todas as áreas do conhecimento, a sociedade se transformou e com ela, também se transformaram as experiências de vida de crianças e jovens. As crianças e jovens na atualidade são mais exigentes no que se refere às suas preferências de leitura e, por ocuparem um espaço maior nas discussões, as temáticas abordadas e os conteúdos contidos na produção literária a elas destinadas tiveram que sofrer algumas alterações para acompanhar a necessidade de formação de um cidadão crítico e participativo.

O livro em nossa sociedade, mesmo com todo avanço dos meios de comunicação e informação, ainda é o principal meio de formação, e a literatura um forte instrumento pelo qual desenvolvemos a subjetividade e sensibilidade, exercendo, desse modo, grande influência na formação de nossas crianças e jovens, embora se reconheça que não é função restrita da literatura infantojuvenil servir como instrumento de ensino, esta é constantemente utilizada como meio de formação do gosto literário e pretexto para a discussão de questões de interesse da sociedade vigente.

A literatura infantojuvenil é, na atualidade, passaporte de embarque para um mundo além da realidade. Por meio das aventuras dos heróis e heroínas da pós-modernidade, a criança e o jovem têm acesso a uma gama de informações acerca do que acontece no mundo a sua volta, auxiliando o leitor em formação a superar e resolver seus conflitos mesmo que para isso lhes apresente um final que não seja feliz ou diferente do comumente conhecido “E viveram felizes para sempre”.

Sem abandonar de todo o seu elo com o fantástico e o maravilhoso, a moderna literatura infantojuvenil não é mais aquela de antigamente. Isso porque ela

acompanha as mudanças surpreendentes que têm ocorrido em nossa sociedade. Os heróis e heroínas de hoje não têm mais aquela personalidade dócil dos tempos de outrora em que se conformavam com o que a vida lhes oferecia; hoje são questionadores e buscam transformações em sua realidade, bem como respostas para suas dúvidas existenciais e os “porquês” de tudo o que lhes acontece.

A literatura contemporânea destinada a crianças e jovens acompanha as transformações que ocorrem constantemente na sociedade. Novos estilos narrativos têm surgido e temas, até então considerados polêmicos e inapropriados, têm sido frequentes neste gênero da literatura. Como exemplo, podemos citar a produção literária da autora Thalita Rebouças, que em seus textos infantojuvenis trata de temas atuais e que respondem a questionamentos de crianças e jovens na atualidade, tais como questões de gênero e sexualidade, divórcio, traição, drogas dentre outros temas que permeiam sua produção. De forma lúdica e reflexiva a literatura infantojuvenil traz à tona assuntos do cotidiano de crianças, adolescentes e jovens fazendo-os pensar sobre eles e formar uma opinião a respeito, sem que para isso precise expor uma lição de moral.

São os novos caminhos que a literatura para o público infantojuvenil tem seguido nos últimos anos, buscando acompanhar os desafios, questionamentos e dilemas que se apresentam às crianças e jovens no mundo de hoje. As histórias de princesas em perigo que são salvas por príncipes encantados não convencem mais nem mesmo as crianças de pouca idade; hoje, dada à nova realidade, as princesas salvam os príncipes ou salvam a si mesmas. Isso não implica dizer que a sociedade contemporânea abandonou os clássicos tradicionais que compõem o cânone da literatura infantojuvenil, mas que faz uma nova leitura ou releitura dos mesmos.

Exemplo da inconformidade com a situação imposta e da personalidade questionadora é a história independente da fadinha Tinker Bell da Disney; a famosa personagem que esteve presente em inúmeros clássicos infantis, agora, ganha sua independência e com uma visão controversa daquela que estamos acostumados. Ela é ciumenta, não se submete a autoritarismo, não se conforma com a condição que lhe é imposta e busca outras alternativas para mudar. Aprende com seus erros e “evolui” à medida que vive as experiências, por mais que estas tragam consequências desagradáveis.

Outro exemplo são as personagens criadas por Ana Maria Machado que também expressam essa ruptura com a conformidade da tradição clássica, e seguem o estilo que foi criado por Monteiro Lobato em que a criança tem voz e opinião própria e é tratada como um ser criador e ativo na ação. Os estudiosos do gênero afirmam que essa nova vertente nasceu com os personagens do sítio de Lobato, mas se expandiu e emancipou após as críticas e contestações dos movimentos sociais às imposições, repressões e estereótipos pregados pelo tradicionalismo (LAJOLO e ZILBERMAN, 2005; CADERMATORI, 2010).

Reiteramos que isso não implica afirmar que os clássicos foram abandonados, pelo contrário. Eles continuam presentes e evocados como nunca através de releituras e processos intertextuais. Inúmeros livros e produções cinematográficas dialogam e evocam os clássicos tradicionais, a exemplo da já citada Tinker Bell, temos também o filme *Malévola*, as novas versões/leituras do clássico *João e Maria (João e Maria caçadores de bruxas)*; da *Bela e a Fera*, da *Cinderela*; além da série *Once upon a time* que apresenta uma releitura de todos os clássicos contos de fadas com inversão de papéis. Tais releituras impressionam e confirmam o vigor e o insubstituível lugar que as narrativas tradicionais ocupam no imaginário coletivo da sociedade contemporânea.

Desse modo, nos últimos anos temos presenciado a emergência de uma literatura infantojuvenil que já não se submete à imposição de uma moral com finalidade didática explícita que ofuscava o encantamento das próprias narrativas, mas que leva à reflexão e à formação de uma consciência crítica.

Os autores atuais já não se preocupam com o oferecimento de uma saída moralista e a transmissão de valores edificantes, mas com a abertura a um leque de informações e conteúdos que fazem parte do cotidiano dos jovens leitores por meio de narrativas em que as personagens vivenciam os dilemas morais da sociedade, os conflitos perante conceitos e preconceitos sociais, atualmente discutidos na sociedade contemporânea, a crise de relacionamentos dadas às novas relações virtuais que muitas vezes geram solidão em meio à multidão e o abandono e a negligência perante as injustiças. Assim, a literatura infantojuvenil atualmente auxilia a criança e o jovem em sua jornada rumo ao autoconhecimento, ao desenvolvimento de sua maturidade e à formação de sua identidade.

Os heróis e heroínas contemporâneos se distinguem dos tradicionais, que venciam pelo auxílio do maravilhoso ou pelas virtudes do caráter: hoje, os heróis e heroínas da literatura infantojuvenil são crianças e jovens espertos, de curiosidade aguçada, críticos, questionadores, com opinião própria e capazes de ver além da realidade que se apresenta diante deles. Não é incomum encontrar entre essas personagens crianças e jovens portadores de necessidades especiais, que sofrem com transtornos emocionais ou com a discriminação por algum motivo, seja este pelas diferenças fenotípicas, como a cor da pele, o tipo de cabelo, formato do nariz (traços típicos de uma etnia) e que superam essas dificuldades durante a narrativa por meio da autoaceitação, da autovalorização e do autorreconhecimento.

Diante do exposto este texto visa apresentar uma proposta de trabalho com a literatura infantojuvenil em sala de aula na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas, localizada na Rua José Marinho de Lucena s/n, bairro Santo Antônio, no município de Cuitegi-PB, na turma 6º ano A, do turno manhã que possui 25 alunos entre 10 e 13 anos, com o intuito de promover uma discussão acerca da importância que a cultura africana teve na formação do nosso povo brasileiro a fim de quebrar paradigma que sustentam e afirmam antigos preconceitos relacionados a essa cultura.

Temos como objetivo geral analisar a forma como a imagem e a cultura negra têm sido representada na obra *Do outro lado tem segredos* (2003), de Ana Maria Machado e a influência que a leitura do livro exerce na formação da personalidade de adolescentes e jovens que a ela têm acesso. Como objetivos específicos, identificaremos nas tendências atuais da literatura infantojuvenil pontos que buscam romper com os estereótipos e preconceitos raciais; analisaremos a forma de representação das personagens negras na escrita de Ana Maria Machado e por fim averiguaremos até que ponto o contato com textos desse gênero podem contribuir com a formação de uma consciência crítica livre de preconceitos e discriminações raciais.

A obra escolhida como corpus do nosso estudo, bem como outros textos da referida autora que apresentam personagens negras, nos servem de suporte para nossa discussão, tem sido considerada pela crítica como a primeira novela da literatura infantojuvenil brasileira a apresentar um protagonista negro.

A metodologia por nós adotada foi a pesquisa bibliográfica e a análise interpretativa das obras escolhidas para compor os corpus da pesquisa à luz da teoria da literatura, com base em estudos anteriores que tratam da mesma temática tais como, ROSEMBERG (1979 e 1985), CASTILHO (2004b), GOUVÊA (2005), JOVINO (2006), OLIVEIRA (2010), dentre outros. Quanto a autores que discorrem acerca do trabalho com a literatura infantojuvenil na escola baseamo-nos em ZILBERMAN (2003) e PALO e OLIVEIRA (2006).

Este trabalho está dividido em três tópicos: No primeiro tópico, REPRESENTAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA: percurso histórico e político, discorremos brevemente acerca da representação do negro na literatura infantojuvenil brasileira partindo de seu ponto inaugural com a publicação de *A Menina do narizinho arrebitado* de Monteiro Lobato até a publicação de *Do outro lado tem segredos*, de Ana Maria Machado e a influência da promulgação da Lei 10.639 de 2003 sobre a produção literária infantojuvenil brasileira.

No segundo tópico OS SEGREDOS DO OUTRO LADO DO OCEANO: um olhar sobre a obra de Ana Maria Machado, fazemos uma contextualização da produção literária da autora, bem como a forma diferenciada com que a mesma representa as personagens negras rompendo com estereótipos e preconceitos construídos historicamente.

No terceiro tópico ANA MARIA MACHADO: os segredos do outro e a cultura africana na sala de aula, apresentamos uma proposta de trabalho com a obra da autora escolhida para análise numa turma de 6º ano do Ensino Fundamental, bem como os resultados que alcançamos com o referido trabalho.

Por fim teceremos nossas considerações finais em que apresentamos as conclusões a que chegamos e as referências adotadas para a construção do mesmo.

1. REPRESENTAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA: percurso histórico e político

Desde os mais remotos tempos, a literatura faz parte da vida do ser humano. Quer seja em sua forma oral, quando a humanidade, ainda ágrafa, sentia necessidade de manifestar seus sentimentos e expandi-los para além de sua existência e espaço de habitação, quer seja nas origens da escrita, no anseio de registrar para a posteridade as marcantes e ricas histórias originadas na oralidade e que carregavam em seu conteúdo aspectos culturais e históricos significativos e necessários à preservação das tradições e identidade do povo que as encerrava. Com certeza, foi essa a razão do surgimento da literatura, a necessidade de compartilhar com o outro, o belo e o maravilhoso que se contemplava e poder, assim, fazê-lo sentir também tais sentimentos através da palavra, pois conforme assinala Meireles (1979, p. 19), “sempre que uma atividade intelectual se manifesta por intermédio da palavra, cai logo no domínio da literatura”.

Assim, desde seu surgimento sobre a terra, o ser humano busca explicações para inúmeras questões que o acompanham, inclusive aquelas que dizem respeito à sua origem. Indagações como “Quem sou?”, “De onde vim?”, “Para onde irei?”, “Quem me formou?”, “Por que sou assim?” acompanham a humanidade desde sempre. E a essência maior do ser humano é buscar as respostas para elas constantemente. E, nessa constante busca, procura registrar os dados que consegue levantar para fundamentar suas hipóteses e respostas. E é na literatura que muitas vezes as encontra.

O leitor ou leitora mirim, ao entrar em contato com as histórias, quer seja pela decodificação na leitura, para aqueles que são leitores fluentes e independentes; quer seja pela audição, ao ouvir as narrativas por meio de seus pais ou professores, no caso das crianças bem pequenas ou que estão no início do processo de alfabetização e não dominam os mecanismos e habilidades de leitura, tem a possibilidade de adentrar, através do seu imaginário, mundos bem diversos daquele que habita, isto é, por meio das narrativas a criança ou o jovem tem acesso a um número ilimitado de informações que, de uma maneira ou outra, passam a

influenciar seu comportamento. Daí a necessidade de refletirmos acerca dos efeitos que esse contato com a literatura exerce sobre o jovem leitor, bem como, que tipo de mensagem essa literatura tem transmitido a eles.

A população negra sempre foi discriminada e excluída na nossa sociedade, fato que pode ser explicado pelo fato de o negro ter sido escravizado por tantos anos, na verdade desde o início de nossa história. A literatura, como espelho que reflete as situações sociais, refletiu a visão do negro como sujeito inferior e por muito tempo conservou essa imagem. Comprovamos isso quando nos debruçamos sobre a história da literatura e temos acesso a obras em que o negro foi estigmatizado ou excluído, considerado como elemento marginal e sem valor.

Nesta próxima sessão discorreremos brevemente acerca da representação do negro na literatura infantojuvenil brasileira.

1.1 O negro na literatura infantojuvenil brasileira: percurso histórico

O marco inicial da literatura infantojuvenil brasileira se deu com a publicação de *A menina do Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato, em 1922. Este foi também o marco de ruptura desse gênero literário com um modelo tradicional e pragmático que ele seguia desde seu surgimento e abertura para um período em que o fazer literário para crianças e jovens se voltava para a criatividade e inventividade típica dessas fases da vida e que atendiam ao que eles almejavam e buscavam numa obra literária.

Iniciava-se, assim, uma revolução do gênero literatura infantojuvenil no Brasil. Isso aconteceu num período em que o nosso país passava por inúmeras transformações no âmbito social e econômico. Transformações estas que influenciaram a produção cultural em todos os seus âmbitos. O Brasil seguia em desenvolvimento cultural e econômico e a produção literária destinada ao público infantil e juvenil se expandia e se emancipava.

O branco foi no decorrer da história apresentado e representado como o modelo de ser humano ideal. O que lhe conferiu no passar dos séculos status e condição de superioridade legitimada pela sociedade desde os mais remotos tempos até a atualidade. A literatura como representação e imitação da realidade serviu

como instrumento de disseminação dessa ideologia. Dessa forma, a figura do negro na literatura brasileira, não escapa à ideologia historicamente atribuída à pessoa do negro na sociedade brasileira: a de ser marginal, isto é, o indivíduo que está à margem, o inferior, estigmatizado e marcado para sempre como sendo submisso e subserviente.

Ser negro, historicamente, significa ser violentado de forma constante, cruel e contínua, quer seja de maneira explícita ou disfarçadamente. Embora essa realidade esteja muitas vezes oculta sob um véu de aceitação, a discriminação contra a pessoa negra é algo incontestável. Seja na realidade ou na ficção, o negro, sempre foi marginalizado. O rosto do racismo está explícito na ideologia de que tudo que é belo, bom, justo, perfeito e verdadeiro é branco. O branco, ou melhor, dizendo, a brancura é o único artifício e legítimo caminho para quem almeja o progresso e o desenvolvimento (SOUZA, 1983).

Assim, a figura do negro na literatura brasileira anterior aos movimentos de abolição da escravatura é praticamente nula. E mesmo durante e após os movimentos abolicionistas, a temática central não era a do negro enquanto ser humano e pessoa, mas a escravidão como tortura e degradação da pessoa negra, ou seja, o que estava em discussão não era o fato de o negro ser um ser humano, uma pessoa com cultura e personalidade própria, mas o seu sofrimento e sua condição de escravidão. Dois fatores podem explicar (e não justificar) essa ausência do negro enquanto ser humano na literatura: a) a opinião de escritores e estudiosos da época, legitimada pela religião e até pela ciência de que os negros não eram seres humanos; e b) o público leitor da época, a quem a literatura se destinava e era constituído basicamente por pessoas brancas (únicos que tinham acesso à escolarização) (GOMES, 1988; SILVA, 1995).

Com relação ao primeiro fator, o negro, foi arrancado de seu mundo geográfico e cultural para ser escravizado numa terra desconhecida e por um povo estranho do qual nunca havia ouvido falar. Suas crenças e costumes foram desprezados e teve que se adaptar ao que lhe foi imposto, muitas vezes por meio da força. Dessa forma, passa da condição de pessoa humana para a condição de objeto. Abruptamente foi arrancado do seio de sua família, da sociedade a qual estava inserido em que dividia e compartilhava com seus pares da mesma crença e

ideal comunitário. Junto a essa quebra em sua conjuntura, o negro africano sofre, sobretudo, o que lhe é mais valioso: o sentimento de pertencimento a um local e uma cultura. Cultura esta que estava baseada na milenar herança deixada por seus antepassados que lhes legaram pela experiência a riqueza cultural que possuíam. Saem da terra em que eram reis e príncipes guerreiros para viver em outra onde serão brutalmente escravizados e tratados como animais no sentido lato da palavra.

Foi, dessa forma, despido de toda e qualquer característica ou aspecto que lhe conferisse a dignidade de pessoa humana. Era quando muito, considerado uma pessoa de segunda qualidade; um ser que estava em atraso na escala da evolução. Em suma, era uma peça ou mercadoria de venda. O que nos leva a afirmar conscientemente que, no âmbito da arte literária, o negro foi historicamente desprezado e que, conforme afirma Proença Filho (2004, p. 120) está evidente na trajetória do discurso literário nacional, a presença de duas formas de representação do negro: “a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada”, o que segundo o referido autor, se configura na existência de uma literatura “sobre o negro, de um lado, e literatura do negro, de outro”.

Como personagem, aparecia secundariamente na lembrança ou na pessoa de um escravo ou escrava e isso apenas em fins do século XIX, quando “a preocupação com a raça tornou-se uma questão no pensamento ocidental” (GOMES, 1988, p. 8) foi que sua representação ganhou mais notoriedade. O que não significa dizer que o preconceito e a discriminação com pessoas de “cor”, tenha surgido nessa época. O sentimento de superioridade do branco para com o negro há muito vinha se mantendo. Era algo que superava a questão cultural e adentrava a questão biológica. O branco europeu sempre conservou um sentimento de superioridade ante os povos conquistados e com o povo negro africano não foi diferente, conforme atesta Heloisa Toller Gomes em “O negro no romantismo brasileiro” ao dizer que “[...] quando a escravidão foi acrescentada à cor como base de estigmatização, surgiram diversos padrões antinegros que foram capazes de sobreviver à própria abolição formal da escravidão” (GOMES, 1988, p. 8). Dessa forma, o negro retratado na literatura era um negro embranquecido, desbotado de sua cor e com uma identidade apagada.

Entretanto, esta não é uma visão generalizada. A história da literatura é composta de muitas fases, cada uma com suas características e peculiaridades próprias do contexto histórico em que ocorreu. A respeito da trajetória do negro na história da literatura brasileira Proença Filho (2004, p. 124) afirma:

O personagem negro ou mestiço de negros caracterizado como tal ganha presença ora como elemento perturbador do equilíbrio familiar ou social, ora como negro heroico, ora como negro humanizado, amante, força de trabalho produtivo, vítima sofrida de sua ascendência, elemento tranquilamente integrador da gente brasileira, em termos de manifestações. Zumbi e a saga quilombola não habitam destaques nesse espaço.

A citação nos leva a crer que para compreender o atual cenário literário e a forma como este apresenta e retrata a imagem do personagem negro se faz necessário analisar a trajetória percorrida por ele na literatura. No próximo ponto, procuramos traçar um breve histórico da presença dos personagens negros na literatura brasileira partindo da literatura universal até chegar à infantojuvenil.

O negro quase não aprecia nas produções literárias e quando aparecia, ocupava um lugar inferior ao do branco, como podemos observar na representação de Tia Nastácia, uma das personagens negras mais famosas criada por Monteiro Lobato e que habita o *Sítio do Pica-pau Amarelo*.

A referida personagem é exemplo da representação estereotipada do negro na literatura infantojuvenil brasileira, uma vez que é retratada de forma caricata e colocada em patamar inferior com relação aos demais personagens.

Na obra lobatiana, Tia Nastácia é apresentada como uma “negra” querida pelas crianças. Algo que revela ainda a influência da discriminação sofrida pelo negro nos períodos literários anteriores a produção do autor em que presenciávamos uma representação animalésca do negro. Na produção de Lobato se percebe, claramente, a associação do negro com a criança, “ser inocente”, “inculto” e que precisa ser “domesticado” (educado), ou seja, os negros supostamente possuem uma intelectualidade menor que a dos brancos. Tia Nastácia é a figura desse preconceito velado, representada pelo uso da oralidade, pois conta suas histórias por não poder escrevê-las, por ser analfabeta.

Embora gostem das histórias, as crianças as contestam, pois apesar da semelhança com aquelas que são lidas por D. Benta (símbolo do ser humano

letrado, no sentido lato da palavra), estas são contadas por uma negra analfabeta e, por assim ser, “sem cultura”. Para ser reconhecida, ela precisava, então, “embranquecer”,

Tia Nastácia não sei se vem. Está com vergonha, coitada, por ser preta. – Que não seja boba e venha – disse Narizinho – eu dou uma explicação ao respeitável público... – Respeitável público, tenho a honra de apresentar [...] a princesa Nastácia. Não reparem ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então o encanto quebrar-se-á e ela virará uma linda princesa loura (LOBATO, 2008 p. 206).

No trecho acima se percebe ainda a associação da negrura da personagem com um castigo ou maldição e a brancura como prêmio na literatura destinada a crianças. Semelhante à forma em que aparece retratada no conto dos irmãos Grimm do século XIX. Prevalece o modelo europeu de perfeição. A personagem só será de todo perfeita se recuperar a brancura que lhe foi tirada por encantamento. Tia Nastácia é, assim, uma negra de alma branca o que explica sua “sabedoria”. Essa hipótese revela a presença de um preconceito racial velado nas entrelinhas e sofrido pela personagem da narrativa, pois nega sutilmente a possibilidade do negro ter uma cultura, conhecimento e até mesmo de existir, pois sua existência está fadada a uma maldição.

Isso não implica afirmar que a obra de Monteiro Lobato seja disseminadora de preconceito e que, por assim ser, deva ser retirada das bibliotecas escolares, pois temos que levar em consideração o contexto de produção das referidas obras. No momento em que Lobato produziu seus textos, o Brasil passava por transformações radicais em seu cenário político. A Abolição decretada em 13 de maio de 1888 ainda era recente e a sociedade mantinha em seu seio as tradições e costumes da época colonialista, logo, não poderíamos esperar um tratamento diferente para com os negros.

Com a promulgação da Lei 11.645/08 que estabelece novas diretrizes e bases para a educação nacional, incluindo no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e cultura afro-brasileira, africana e indígena, configura-se num considerável avanço no tratamento das relações étnico-raciais na educação brasileira

Quando se traz ao centro da discussão as desigualdades ocasionadas devido a essas diferenças, se faz necessária a apresentação de dados estatísticos para derrubar a tese de que “pela mestiçagem somos todos iguais”¹

Neste sentido, ao analisar os dados que apontam as desigualdades entre brancos e negros na educação, constata-se a necessidade de políticas específicas que revertam o atual quadro. Os números são ilustrativos dessa situação. Vejamos: pessoas negras têm menor número de anos de estudos do que pessoas brancas (4,2 anos para negros e 6,2 para brancos); na faixa etária de 14 a 15 anos, o índice de pessoas negras não alfabetizadas é 12% maior do que o de pessoas brancas na mesma situação, cerca de 15% das crianças brancas entre 10 e 14 anos encontram-se no mercado de trabalho, enquanto 40,5% das crianças negras, na mesma faixa etária, vivem essa situação.

Tais dados reafirmaram a necessidade de intervenção do poder público, o que veio a ocorrer durante o governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2008:

Nesse contexto, o governo federal sancionou, em março de 2003, a Lei nº 10.639/03 MEC, que altera a LDB (Lei das Diretrizes e Bases) e estabelece as Diretrizes Curriculares para implementação da mesma. A Lei 10.639 instituiu a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Essa decisão resgata historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira. Criou em 21 de Março de 2003 a Seppir (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial). Dessa forma, recolocou a questão racial na agenda nacional e a importância de se adotarem políticas públicas afirmativas de forma democrática, descentralizada e transversal. O principal objetivo desses atos é promover alteração positiva na realidade vivenciada pela população negra e trilhar rumo a uma sociedade democrática, justa e igualitária, revertendo os perversos efeitos de séculos de preconceito, discriminação e racismo (MEC, 2004, p. 36).

É importante ressaltar que a Lei 10.639/03² que alterou a LDB (Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional), foi substituída pela Lei 11.645/08, sancionada em 10 de março de 2008, a qual inclui, também a temática indígena no currículo oficial da rede de ensino. De acordo com a nova lei, os conteúdos das disciplinas devem tratar da história e cultura dos negros e índios, os quais contribuíram de forma determinante para formação da população brasileira. Esta

¹ IPEA – INSTITUTO PESQUISA ECONOMICA AVANÇADA – **Retrato da Desigualdade de gênero e raça no Brasil**, 2006.

Disponível em: www.ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf

² A Lei 10.639/03 foi revogada e substituída pela 11.645/08 que acrescentou à anterior a temática da cultura e história dos povos indígenas, no entanto, quando nos referimos à representação do negro na literatura e a cultura africana e afrobrasileira na sala de aula, preferimos usar como referência a antiga Lei.

De acordo com o parecer que dispõe sobre as diretrizes curriculares para a educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, torna-se fundamental:

A edição de livros e de materiais didáticos, para diferentes níveis e modalidades de ensino, que atenda ao disposto neste parecer, em cumprimento ao disposto no Art. 26 da LDB e, para tanto, abordem a pluralidade cultural e a diversidade étnico-racial da nação brasileira, corrijam distorções e equívocos em obras já publicadas sobre a história, a cultura, a identidade dos afrodescendentes, sob o incentivo e supervisão dos programas de difusão de livros educacionais do MEC – Programa Nacional do Livro Didático e Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE, 2003, p. 18).

Mas será que as leis estão saindo do papel e ganhando espaço na sociedade? O presente estudo pode afirmar que sim, baseado na análise o livro *Do outro lado tem segredos*, de Ana Maria Machado, que compõe a coleção Literatura em Minha Casa, editado em 2003 pelo PNBE.

Este livro é indicado para alunos do 6^a ano, o que reforça a necessidade de iniciar a abordagem sobre as relações étnico-raciais desde as séries iniciais do Ensino Fundamental, quando os alunos ainda estão em fase de construção de sua identidade. É importante destacar que a eliminação das desigualdades não ocorrerá em um curto espaço de tempo, pois não é fácil reverter anos de omissão, mas a valorização da diversidade étnico-racial e cultural contribui de forma significativa para se chegar aos resultados desejados, mesmo em longo prazo.

No próximo capítulo discorreremos brevemente acerca da temática do livro e sua relação com o trabalho aqui proposto.

2. OS SEGREDOS DO OUTRO LADO DO OCEANO

A obra que nos propomos a analisar é considerada a primeira novela infanto-juvenil brasileira com personagens afrodescendentes. Segundo a autora, este livro constituiu-se da tentativa de responder a dúvidas do presente através de descobertas sobre o passado. Nessa perspectiva, o enredo apresenta-nos o caminho percorrido por Bino até a descoberta do que há do outro lado do oceano e nessa busca pelo conhecimento, ele recebe ajuda dos idosos da comunidade, os quais ainda preservam raízes africanas na forma de falar, religiosidade e manifestações culturais. Estas por sua vez, recorrem a mais “épica de todas as faculdades humanas”: A memória, a fim de satisfazer os anseios de Bino:

Ao escrever este livro, parti de lembranças muito concretas da minha infância no litoral do Espírito Santo. E também da observação de pessoas e coisas que continuavam existindo por lá naquele momento. Vários dos personagens existem de verdade. (MACHADO, 2003, p. 07).

Podemos perceber que o tema da negrura é tratado nesta obra não apenas pela caracterização física das personagens como também pelo destaque da cultura africana na constituição desta. Outro aspecto fundamental ao qual a autora recorre para responder aos questionamentos do protagonista é a tradição oral, que é de tal importância a ponto de haver na África profissionais específicos incumbidos de transmitir oralmente ensinamentos acerca da memória cultural da comunidade, os *griots*, que também são conhecidos como guardiões da palavra falada:

Um mestre contador de histórias africano não se limitava a narrá-las, mas podia também ensinar sobre numerosos outros assuntos (...) porque um conhecedor nunca era um especialista no sentido moderno da palavra mas, mais precisamente, uma espécie de generalista. O conhecimento não era compartimentado. O mesmo ancião (...) podia ter conhecimentos profundos sobre religião ou história, como também ciências naturais ou humanas de todo tipo. Era um conhecimento (...) segundo a competência de cada um, uma espécie de ciência da vida; vida, considerada aqui como uma unidade em que tudo é interligado, interdependente e interativo; em que o material e o espiritual nunca estão dissociados.

Na narrativa de, *Do outro lado tem segredos*, a função de *griote*, como são denominadas as mulheres que têm a mesma função de perpetuação da memória cultural, é desempenhada pela avó de Bino, e pode ser desempenhada na

atualidade por cada um de nós professores, ao utilizarmos obras como este livro para implementação da Lei 11.645/08. Ao transmitir ao neto as práticas africanas, a avó Odila desperta no menino a percepção da possível continuidade de algumas destas no cotidiano, como nós também podemos despertá-la nos nossos alunos, com o intuito de valorizar a diversidade étnico-racial existente em nosso país, sem restrições aos assuntos que devem ser tratados para o alcance deste objetivo.

Na referida obra a “Vó Odila” sempre muito espontânea, perde esta característica quando o questionamento é a respeito da África e dos africanos que aqui desembarcaram, quando ela prefere se reservar, pois as lembranças são dolorosas, mas no decorrer da narrativa ela adota outra postura e resolve falar sem reservas sobre a questão da escravidão. Ao analisar esta personagem, concluímos que devemos adotar uma postura semelhante no trato com as questões étnico-raciais, pois a camuflagem desse passado em nada auxilia na luta pelo fim das desigualdades, que infelizmente não podem ser apagadas da história do país.

Desta forma, deve haver em âmbito nacional não apenas a transmissão histórica de conteúdos relacionados aos africanos, mas um posicionamento de valorização da cultura e matriz africana para a construção desta “colcha de retalhos” em que se constitui a cultura brasileira. No livro *Do outro lado tem segredos* a manifestação artística citada por Ana Maria Machado é a congada, teatro de origem *bantu* que aparece na forma de cortejo onde os participantes, dançando e cantando, homenageiam de forma especial São Benedito. Percebemos aqui o motivo da empolgação de Bino com a aproximação do dia deste santo, pois além da oportunidade de homenagear o santo padroeiro do povo negro, do qual ele carrega o nome, este vislumbra a possibilidade de conhecer de forma mais detalhada, a riqueza religiosa, cultural e histórica do povo africano:

_ Muito animado para sua festa? - Eu, héim? - Que festa? - Ué, a festa de São Benedito... Está chegando dia, vai dizer que esqueceu? Bino tinha esquecido mesmo. Mas agora já estava entrando na animação de Maria e dos outros. _ Vai ter procissão e quermesse, aquelas barraquinhas todas, com prenda, rifa, muita música. _ Vamos fazer puxada de mastro e a bandeira de São Benedito vai ficar bem fincada em frente da capela. _ E vai ter congada... Congada que beleza! Todo ano, quando tinha festa com Congada, Bino ficava no maior assanhamento, junto com Tião, os dois vendo, cantando, prestando atenção em tudo. (...) E iam ficar vendo a coroação do rei congo, todo enfeitado, com roupas lindas, coberto de joias. E os embaixadores e os guerreiros em volta deles. Rei congo, rei lindo...

Também, era o único rei que Bino já tinha visto. Será que os reis lá do outro lado eram assim? Melhor perguntar: (...). (MACHADO, 2003, p.37).

Esta seria a oportunidade de elucidar mais algumas dúvidas sobre o rei cativo arrancado de sua terra e trazido para o Brasil do qual ouvira falar, “será que ele era como os reis do congo?” (MACHADO, 2003, p.38), a presença desse rei em nosso país inquietava Bino “Quem sabe ele não tem algum filho, neto ou bisneto por aí, esperando ser descoberto para ser rei de novo? Quem sabe até se não era mesmo um moleque bem assim como ele, Bino?” (MACHADO, 2003, p.38).

Vale ressaltar a importância da valorização dos afrodescendentes e de sua cultura para construção da identidade. Esta valorização é expressa pela autora em outro momento da narrativa, onde nos é apresentado um rei negro que se tornou herói deste lado do oceano:

Isso era com ele, Bino sentia. Se a África era como a mãe, esse tal de Zâmbi devia ser como o pai. A música acabava e ele atrás de Tião: _ Quem é Zâmbi? (...) _ Foi um rei da gente; há muito tempo. _ NA África? _ Não, aqui. _ Aqui teve rei? Rei não era só do lado de lá? Aqui não era só cativo? (...) _ Olha para falar a verdade, eu não sei essas coisas muito bem. Não ensinaram muito direito lá na escola. (...) _ Eu sei é que tinha um Zumbi que era rei e veio para o lado de cá, preso, cativo. Depois o filho dele fugiu. Levou muita gente junto. Fizeram um quilombo, reino de preto que não era mais cativo. Lutaram muitos e muitos anos para conseguir não ser cativo de novo. Os filhos tiveram filhos. O rei chamava sempre Zumbi ou um nome parecido. Até que os bandeirantes acabaram com tudo. Mas era um reino grande, cheio de gente, com muita terra. (MACHADO, 2003, p.57)

Aqui destacamos a importância de ser oferecido na escola um ensino que propicie os conhecimentos adequados aos afrodescendentes, para que ao se expressarem com relação a sua raça e etnia possam fazê-lo com propriedade, pois nesta caminhada, Bino também contou com o auxílio do irmão mais velho que repassa o conhecimento adquirido na escola a respeito de seus antepassados, mas faz a observação de que não foi ensinado direito, o que nos confirma a necessidade do espaço escolar selecionar não só os conteúdos, mas também a forma de abordá-los, pois o estímulo à formação de valores, hábitos e comportamentos que respeite as diferenças deve ser oferecido pela escola, isto porque a educação constitui-se como um dos principais mecanismos de transformação social.

No próximo capítulo teceremos algumas considerações a respeito do trabalho com a obra em sala de aula, apresentando os resultados observados.

3. ANA MARIA MACHADO: os segredos do outro e a cultura africana na sala de aula

3.1 Cultura africana e afro-brasileira na escrita de Ana Maria Machado: o trabalho em sala de aula

Quando nos propusemos a trabalhar com a obra *Do outro lado tem segredos* numa turma de 6º ano do Ensino Fundamental, tínhamos em mente contribuir com a formação da identidade e de uma personalidade livre de preconceitos nas crianças e adolescentes que formavam a turma.

Havíamos observado desde o início das aulas naquele ano letivo, que a turma era composta por indivíduos das mais diversas etnias, a julgar por suas características fenotípicas. O bullying, presente em brincadeiras e apelidos dirigidos aos pertencentes aos negros também foram motivadores para a realização deste trabalho, bem como a política de valorização dos profissionais de educação do governo do Estado.

A escolha pela obra se deu por conta da faixa etária dos indivíduos envolvidos na atividade, e também, por ela pertencer ao acervo da escola, sendo assim, de fácil acesso a eles. A leitura da mesma, nos motivou a nos aprofundar na pesquisa acerca da produção da autora, que nos revelou outros títulos relacionados a temática, o que nos possibilitará no futuro ampliar o trabalho para outras turmas.

Antes de darmos prosseguimento com a nossa descrição das atividades desenvolvidas, faremos uma breve contextualização acerca da escola e da turma em que foi realizado o trabalho.

3.1.1 Contextualização da escola

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Odilon Nelson Dantas, localiza-se na Rua José Marinho de Lucena s/n, bairro Santo Antônio, no município de Cuitegi-PB . A turma do 6º ano A do turno manhã, com a qual trabalhamos, possui 25 alunos entre 10 e 13 anos e foi selecionada com o intuito de promover uma discussão acerca da importância que a cultura africana teve na formação do

nosso povo brasileiro afim de quebrar paradigmas que sustentam e afirmam antigos preconceitos relacionados a essa cultura.

A ideia da realização do projeto surgiu a partir de nossas observações no comportamento dos alunos, na forma como interagiam e tratavam uns aos outros. A turma é composta por alunos pertencentes a diferentes faixas etárias e classes socioeconômicas. Em sua maioria residem na zona urbana da cidade. São adeptos da religião cristã ocidental, frequentadores da igreja Católica, religião predominante no município e, alguns, da religião evangélica. No que se refere à cor, a grande maioria se autodefiniu como parda. Outros afirmaram não saber e apenas 2 (dois) se declararam brancos.

O projeto está sendo executado nessa turma, especificamente, na disciplina de Língua Portuguesa, mas contamos também com o apoio dos professores das disciplinas de História, Artes e Ensino Religioso, o que lhe dá um caráter multidisciplinar.

3.2. Descrição das atividades

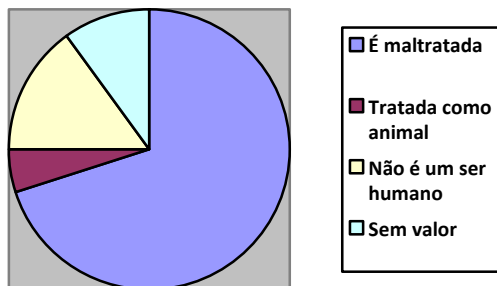
Escolhida a turma, selecionado o material de apoio, iniciamos a coleta de dados que nos possibilitou chegar ao diagnóstico inicial, em que pudemos ter acesso ao conhecimento prévio do aluno acerca da temática. Para obtenção desses dados, trabalhos textos e animações que apresentavam personagens negros nas duas situações: a) o negro como sujeito inferiorizado, estigmatizado e ocupando locais de subalternidade (para tanto, trabalhamos com trechos de obras de Monteiro Lobato, bem como episódios do Sítio do Pica-pau Amarelo, produção baseada na referida obra) e, em um segundo momento, b) o negro ocupado o lugar de protagonista da trama, retratado como sujeito de sua história, independente, herói e em pé de igualdade com os demais sujeitos (neste ponto trabalhamos trechos de obras de Ana Maria Machado, episódios do desenho *Super shock* veiculado pelo SBT, e contos de outros autores, a exemplo de Cuti, que apresentam uma visão não estereotipada do negro).

Intercalados a essa atividade, aplicamos questionários orais e escritos com a turma, com vistas a identificar a visão prévia dos mesmos para com a temática. Esses questionários apresentavam questões como:

- a. Qual a sua visão com relação ao tratamento da boneca Emília com a Tia Nastácia?
- b. Por que a boneca trata a Tia Nastácia dessa forma?
- c. Você acha justo esse tratamento?

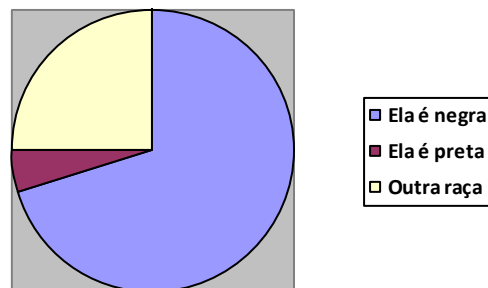
Ao que obtivemos respostas como, as que transcrevo abaixo para a primeira questão:

1. Ela é maltratada (70%).
2. Ela é tratada como um animal (5%).
3. Para ela a Tia Nastácia não tem valor, não é um ser humano (15%).
4. A Tia Nastácia é tratada como um ser sem valor (10%).



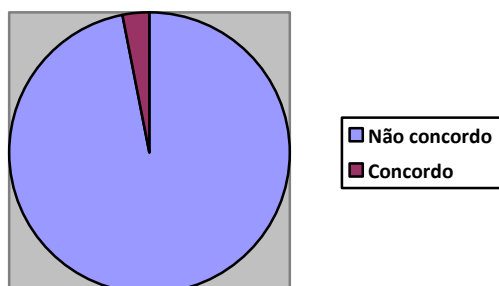
Para a segunda questão;

1. Porque ela é negra (70%).
2. Porque ela é preta (5%).
3. Porque ela pertence a outra raça, é discriminada (25%).



E para a terceira, quase que em unanimidade, responderam:

1. Não concordo (97%).
2. Concordo (3%)



Os que concordaram, alegaram que a boneca Emília tratava a Tia Nastácia com grosseria por conta de sua “burrice”, uma vez que a personagem era inculta, analfabeta, o que nos leva a um outro tipo de preconceito: o social, tão presente em nossa sociedade.

Após esse diagnóstico inicial, começamos a introduzir o tema que pretendíamos trabalhar por meio de discussões e debates na sala de aula, sempre motivados pela leitura de um texto ou de um vídeo. A cada aula em que abordávamos o tema, pedíamos a elaboração de um texto acerca da temática ou propúnhamos um estudo dirigido que deveria ser socializado ao final. Dessa forma, uníamos em nosso trabalho as duas dimensões do processo de ensino e aprendizagem: o olhar e o pensar (SANT’ANNA, 2009).

Nosso maior desafio na execução do projeto e das atividades em sala de aula dele decorrentes foi enfrentar as dificuldades e obstáculos que cruzaram nossos caminhos tais como, a visão conteudística que impera na nossa sociedade ancorada na questão da quantidade e não qualidade do que se ensina. Segundo Sant’Anna (2009, p. 15),

O grande desafio hoje é articular o saber e o fazer no cotidiano educacional, como forma de produzir propostas que assumam um caráter investigador na procura de uma nova síntese para pensar a educação, trazendo sempre embutidas ideias que orientem e mobilizem as esperanças.

Foi isso que buscamos fazer com a execução dessa proposta: promover uma reflexão acerca dos elementos que constituem nossa cultura e o respeito às diferenças do outro sem impor condições e hierarquizar.

Para se promover a implementação da lei 11.645/08 na sala de aula, cumprindo com todas as suas recomendações temos que levar nosso aluno a refletir acerca da história da humanidade, promovendo seu entendimento e possibilitando o rompimento com a ideia de hierarquização das culturas. A civilização africana, por exemplo, é uma das mais antigas na humanidade, como considerar sua cultura inferior às demais? Não há como justificar a inferiorização do negro e sua cultura se levarmos em consideração esse contexto.

Nessa perspectiva, o maior desafio que a Lei 11.645/08 nos impõe é trabalhar com as diferenças culturais sem hierarquizá-las. Promovendo igualdade de valor entre elas e não acentuando suas diferenças. Assim, estaremos trabalhando na formação de nossos alunos elementos que são essenciais para a sua formação tais como, a formação de valores como respeito, solidariedade, aceitação. É um desafio que se coloca a frente de nossa atuação docente, mas que faz parte dela conforme nos assevera Paulo Freire:

[...] viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por ser inacabado. Seria impossível. Saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude. (FREIRE, 2000, p. 153)

Diante dessa realidade, introduzimos a temática e partimos para a execução das demais fases do projeto de leitura da obra *Do outro lado tem segredos*. Para tanto, introduzimos uma contextualização, inserido a autora e sua produção voltada para o público infantojuvenil e também adulto. Chamando a atenção dos nossos alunos para a contribuição da autora para o movimento de renovação desse gênero em nosso país. Por meio da leitura e discussão eles foram capazes de identificar pontos de semelhanças e diferenças entre a obra da referida autora e a produção literária de outros autores como, Monteiro Lobato, por exemplo, no que concerne a representação do negro.

Como semelhanças eles destacaram a presença de crianças protagonizando as tramas. A autonomia que é dada ao ser criança. Em ambos os autores pode-se perceber essa autonomia que é concedida à criança, constantemente tratada como ser criativo e inventivo. E como diferenças, destacaram a forma de representação do negro, enquanto em Lobato o negro exerce um papel secundário e ocupa um lugar inferior ao do branco, em Ana Maria Machado ele é protagonista e está em patamar de igualdade. É consciente de suas raízes e sujeito de sua história.

Nosso trabalho com a obra culminou com a elaboração de uma exposição de trabalho a ser realizada no mês de novembro, por ocasião da comemoração do Dia da Consciência Negra, não como incentivo para que essa data seja considerada como única forma de homenagear e reconhecer o valor do negro, mas como forma de promover maior significação à mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao assumir que historicamente tem sido negada à população negra brasileira, de forma velada ou não, direitos humanos fundamentais e que sofre as consequências nefastas de séculos de discriminação e racismo, se faz necessário pensar e tomar medidas contundentes nas diversas esferas governamentais no sentido de proporcionar o equilíbrio, a igualdade de condições de existência e garantir o respeito e a dignidade a todos os afrodescendentes em nosso país.

A escola como espaço de formação e construção de saberes, precisa estar atenta a essa nova realidade que se apresenta em nosso país. Não podemos de forma alguma nos omitir perante esse desafio que se coloca diante de nossa prática. Apenas refletir não se faz suficiente, precisamos agir e buscar executar ações que promovam a formação de uma consciência crítica nos nossos educandos, contribuindo com a formação de uma geração livre de preconceitos e discriminações.

Nesse sentido, no campo educacional, cabe-nos indagar: _ O implemento da Lei nº 11.645/08 traz no seu contexto os anseios dos afro-brasileiros, principalmente aqueles ligados aos movimentos sociais e de articulação dos direitos civis, políticos, sociais e econômicos da população negra?

É certo que a referida lei vem de alguma forma, promover a valorização da historicidade, riqueza cultural e da ancestralidade africana. Mas isso não é o suficiente. Se faz necessário que as ações afirmativas e formativas nela propostas sejam implementadas de fato. A formação do educador não contemplou esse olhar sobre a cultura africana, afro-brasileira e indígena. Somos fruto da antiga visão eurocêntrica que imperava na nossa Pedagogia. Portanto, urge ser urgente a formação continuada de educadores nesta área.

Observamos isso na execução das fases iniciais de nosso projeto, quando alguns obstáculos eram postos sobre o mesmo, tal como a afirmação de que “atrasaria o conteúdo da disciplina” ou que “o próprio negro se exclui e contribui para sua exclusão”. Pensamentos que são fruto da visão retrógrada e conservadora da nossa sociedade que em seu seio guarda os princípios de um preconceito velado.

Nesta perspectiva, entende-se que os esforços para se efetivar o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e Indígena perpassa pela formação continuada dos/as professores/as e pelo comprometimento do Estado em efetivar ações que imprimam novos olhares acerca das relações étnico-raciais. O caminho estende-se desde a percepção da sua importância no contexto histórico brasileiro ao estudo aprofundado da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e Indígena, até as possibilidades de se trabalhar esses conteúdos no currículo escolar.

Os resultados da execução desse trabalho ainda estão sendo colhidos, uma vez que o mesmo gerou a realização de inúmeras ações, algumas a serem realizadas a longo prazo, no decorrer do ano letivo. No entanto, já podemos perceber que os frutos colhidos serão bons, pois nota-se no comportamento e na atitude dos alunos uma evidente mudança no que se refere ao tratamento uns com os outros, sobretudo quando este pertence a uma etnia diferente.

No mais, esperamos que as reflexões aqui trazidas possam contribuir com outras já existentes acerca do tema como também com a formação de cidadãos que possam construir um mundo mais justo e igualitário.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: SECAD, 2005.

_____. **Lei n.º 10.639, de 9 de Janeiro de 2003**.

_____. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira**. Brasília: SECAD, 2009.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Valores Civilizatórios: dimensões históricas para uma educação anti-racista**. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais. Brasília: SECAD, 2006.

TOLLER GOMES, H. **O Negro e o romantismo brasileiro**. São Paulo: Atual Editora, 1988. - As Marcas da escravidão: O Negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: EdUERJ / Editora da UFRJ, 1988.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. **Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica**. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a06v31n1>>. Acesso em: 27 de outubro de 2015.

LAJOLO, Marisa. Ana Maria Machado: seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico

_____.; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____. **Um Brasil para crianças: Para conhecer a literatura infantil brasileira - histórias, autores e textos**. 4. Ed. São Paulo: Global, 1993.

LOBATO, Monteiro. **Peter Pan**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Ed. Nacional, 2008.

MACHADO, Ana Maria. **Do outro lado tem segredos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

_____. **A literatura deve dar prazer**. Rio de Janeiro: Nova Escola: a revista do professor, São Paulo, v. 16, n. 145, p. 21-23, set. 2001.

_____. **Biografias: Livros: Cadernos de notas: Novidades: Correio**. 2011. Disponível em: <http://www.anamariamachado.com/home/>. Acesso em: 10 mar. 2015. (Site da autora).

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. Ed. São Paulo: Summus; [Brasília]: INL, 1979.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **literatura infantil: Voz de criança**. São Paulo: Ática, 2006.

PROENÇA FILHO, Domicio. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. In Estudos Avançados vol. 18. N.º 50 Janeiro/Abril, 2004.

SILVA, Consuelo Dores Silva. **Negro, qual é o seu nome?** Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

SOUZA, Andréia L. Personagens negros na literatura infantil e juvenil. In CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 1983.

APÊNDICE A: Questionário apresentado junto aos discentes



Universidade
Estadual da
Paraíba

CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

Aluno (a) _____

Série _____ Turma ____ Turno _____

Professora: Edilândia Soares

Questionário para coleta de informações

Com base no que discutimos na sala de aula responda as questões abaixo.

1. Qual a sua visão com relação ao tratamento da boneca Emília com a Tia Nastácia?

2. Por que a boneca trata a Tia Nastácia dessa forma?

3. Você acha justo esse tratamento?

4. Observe estas imagens



A



B



C



D

4. É capaz de inferir quem essas imagens representam? Em caso afirmativo escreva ao lado de cada letra o nome dos respectivos personagens.

A _____ C _____

B _____ D _____

5. Em sua opinião, qual dessas personagens nos apresenta uma imagem positiva do negro? Por quê?
